

# MILAGRES NA BÍBLIA

HUGO McCORD

Uma desculpa comum para se rejeitar a Bíblia como o Livro inspirado por Deus é que “ela está cheia de milagres”. Por essa razão, este estudo da inspiração e autoridade da Bíblia estaria incompleto sem uma análise dos milagres. A palavra mais usada pelo Espírito Santo para descrever milagres na Bíblia é “maravilhas”. Embora a natureza comum seja por si só

---

*“A qual [a salvação], tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo...”*  
(Hebreus 2:3b, 4).

---

uma maravilha, são apresentados na Bíblia múltiplos exemplos de maravilhas realizadas por Deus, que são raras exceções às leis da natureza. Só essas exceções já acrescentam algum peso às evidências cristãs. Tratam-se de atos

de Deus que divergem visivelmente da atuação habitual do Seu poder. São mais claramente definidos por exemplos como: o que Moisés fez no Egito, no mar Vermelho e no deserto; as experiências dos servos de Deus numa fornalha acesa e numa cova de leões; a transformação que Jesus fez da água em vinho; as curas instantâneas que Ele realizou e Sua ressurreição dos mortos; a multiplicação de pães e peixes; a capacidade de Seus discípulos pegarem em cobras e assim por diante.

A tentativa de racionalizar os milagres bíblicos, ou de descrever os operadores de milagre da Bíblia simplesmente como mestres em psicologia é inadequada para explicar a alimentação de milhares de famintos ou a ressurreição de Lázaro. Há que se dizer que tais maravilhas bíblicas ou são fatos históricos ou são relatos de ficção. Os

milagres bíblicos, além de exercerem efeitos práticos, visavam autenticar a mensagem divina. Eles serviram de credenciais para Moises, Cristo e os apóstolos.

## A BASE HUMANA PARA SE REJEITAR OS MILAGRES

Fizemos referência acima à tentativa forçosa e inadequada de se explicar os milagres pela psicologia. Esta é uma tentativa de se preencher a lacuna entre os milagres bíblicos e as leis da natureza. A maioria dos incrédulos, porém, simplesmente considera os relatos bíblicos falsos. Eles afirmam que “a história termina onde o milagre começa”. Pressupõem que seja impossível haver milagres. Contra a realidade dos milagres eles apresentam três objeções principais: 1) “nenhum testemunho pode comprovar um milagre”; 2) “a lei científica da uniformidade na natureza torna impossível haver milagres”, e 3) “as alegações de milagres feitas por pagãos e outros são tão válidas quanto as alegações bíblicas”.

### “Nenhum testemunho pode comprovar um milagre”

O escocês cético David Hume (1711–76) declarou que, não importa quão digna de credibilidade seja a testemunha, nenhum testemunho pode comprovar um milagre. Ele considerava milagres um assunto mais para ridicularização do que para discussão<sup>1</sup>. Todavia, a atitude de Humes ao tomar essa posição arbitrária opõe-se à opinião do mundo sobre o valor do testemunho confiável. O sistema judiciário do mundo é construído em cima da comprovação dos fatos pela palavra das testemunhas. Ademais, a confiabilidade dos registros históricos, como a historicidade de um famoso líder político, baseia-se no testemunho.

A precisão do testemunho confiável é uma lei

natural tanto quanto a constância na natureza. A constância na natureza, sendo confirmada pela experiência humana, tem sido aceita como uma lei natural. Exatamente da mesma forma, a precisão do testemunho confiável, sendo confirmado pela experiência humana, tem sido aceita como uma lei natural. Se alguém se agarra à lei da constância na natureza como razão para rejeitar os milagres, está rejeitando a lei da confiabilidade em testemunhos humanos. Estaria-se, assim, aplicando uma lei da natureza contra outra lei da natureza. Seria necessário se aceitar um milagre (uma violação da lei da natureza) para evitar outro!

Além disso, exceto nos limites estreitos da experiência pessoal de Hume, a crença dele na constância da natureza era sustentada pelo testemunho. Tudo o que ele sabia do que acontecera em “outras eras e locais” era através de testemunhos. Conseqüentemente, ele aceitou um testemunho para derrubar outro. Às vezes, Hume reconhecia a falácia de seu raciocínio sobre a inadequação do testemunho humano em estabelecer provas. Isto ele mesmo admitiu: “Por mim mesmo... é possível que existam milagres, ou violações do curso normal da natureza, a ponto de se admitir que o testemunho humano seja uma prova...”<sup>2</sup> Ele até citou um exemplo que ele estaria disposto a aceitar:

Sendo assim, suponhamos, que todos os autores, em todas as línguas, concordem que, a partir de primeiro de janeiro de 1600, houve uma escuridão total sobre toda a terra durante oito dias: suponhamos que a tradição desse acontecimento extraordinário ainda seja forte e viva entre as pessoas: que todos os viajantes, que regressam de países estrangeiros, tragam relatos da mesma tradição, sem a menor variação ou contradição: *é evidente que nossos atuais filósofos, em vez de duvidarem do fato, deverão aceitá-lo como verdadeiro...* (grifo meu).<sup>3</sup>

Depois de assim admitir que ele reconhecia a força do testemunho humano para se estabelecer um milagre, Hume mostrou seu preconceito contra a religião ao mencionar esta exceção:

Mas se esse milagre for atribuído a qualquer sistema novo de religião... essa circunstância por si só seria uma total prova de fraude, e suficiente, a todos os homens de senso, não só para fazê-los rejeitar o fato, mas até rejeitá-lo sem maiores investigações.<sup>4</sup>

Além da citação de Hume de um milagre não-religioso poder ser comprovado por testemunhos humanos, ele também admitiu que um milagre relatado precisa ser aceito se sua falsidade for

mais miraculosa: “Nenhum testemunho é suficiente para estabelecer um milagre”, disse ele, “a menos que o testemunho seja do tipo que sua falsificação seja mais miraculosa do que o fato que se pretende estabelecer...”<sup>5</sup> Hume não considerava que a Bíblia, seus escritores e sua influência a favor da verdade deixariam as perguntas do homem sem respostas e impossíveis de serem respondidas se os milagres nela relatados fossem falsos. A poderosa influência da Bíblia em tudo que é verdadeiro faz sentido se seus milagres forem verdadeiros, mas essa influência é inexplicável se seus milagres forem fictícios.

Os milagres relatados no cristianismo não foram realizados num cantinho; eles se deram a céu aberto. Além disso, foram bastante diversos e ocorreram por um período de setenta anos. Supor que eram falsos — e que milhares de pessoas foram enganadas, muitas das quais morreram por causa de sua fé — é mais difícil de se aceitar do que a realidade dos milagres. Por exemplo, milhares de pessoas estavam envolvidas no milagre da multiplicação dos pães. Ou os apóstolos constataram a falta de alimento, assistiram os pães e os peixes serem multiplicados, distribuíram-nos e recolheram mais do que a matriz inicial, ou eles forjaram seus relatos. Fraude não era possível nesse caso. Com certeza, numa ocasião posterior, aqueles que foram até Jesus da região litorânea em busca de mais pães e peixes não pensavam que a multiplicação tivesse sido um embuste.

É mais difícil supor que Jesus era o enganador mais esperto do mundo e o homem mais cruel do mundo (oferecendo falsamente descanso e salvação) do que aceitar a realidade dos milagres. É mais inverossímil supor que Ele era um atormentador e sadista (ridicularizando as esperanças dos homens) ou que Ele era o maior impostor do mundo do que aceitar algum milagre.

O raciocínio de Hume pressupõe que um milagre é uma impossibilidade e, portanto, nenhum testemunho pode validar algo que não pode ocorrer. Todavia, uma vez que só um ateu ou deísta faz tal suposição, o raciocínio de Humes é convincente apenas para um ateu ou deísta.

Uma atitude negativa, pessimista, parece ter influenciado o pensamento de Hume, tornando-o um cético crônico. O resultado inevitável desse pensamento é visto em seu desespero, confusão e desesperança. O raciocínio de Hume enredou-o a “[sua] filosofia e vãs sutilezas” (Colossenses 2:8). Hume foi um daqueles que não dão graças pelas bênçãos que recebem; antes, “se tornaram

nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato” (Romanos 1:21). Ele se enganou a si mesmo, sendo vítima de sua própria astúcia, semeando e colhendo desespero.

Rejeitar o testemunho humano como prova de milagres é um ato forçado e irracional.

### **“A lei científica da uniformidade na natureza torna impossível haver milagres”**

Um segundo argumento usado contra a possibilidade de ocorrer milagres é que a lei científica da uniformidade na natureza — ou seja, que a natureza sempre se comporta de maneira consistente — não deixa espaço para milagres. O raciocínio é o seguinte: uma vez que tudo o que foi experimentado pela maioria dos seres humanos tem uma causa natural, lógica, qualquer suposta experiência que não tenha uma causa normal ou natural é impossível.

Todavia, o fato de que toda a experiência de uma pessoa é natural e tem uma causa explicável não significa que a experiência universal seja a mesma. Um cientista é capaz de observar corretamente ocorrências atuais com causas explicáveis; baseado nessa observação, ele pode concluir (embora incorretamente) que jamais houve quaisquer acontecimentos sobrenaturais antes. Ao fazer tal suposição, ele ultrapassou seu próprio território. Ele é capaz de testificar corretamente o que está acontecendo no momento presente, mas não tem como saber o que aconteceu em eras passadas. Tal conclusão seria não-científica; ele teria adentrado um território estrangeiro ao conhecimento e equipamento científico. Teria abandonado o físico e se projetado na metafísica, no campo da especulação sem provas. A falta de milagres na natureza hoje não nega sua realidade na história. Só a ciência histórica, e não a ciência natural, pode falar desse tópico. Visto que a experiência da ciência é limitada tanto pelo espaço como pelo tempo, cabe à ciência dizer onde e quando isto ocorre.

Mesmo se os cientistas não estivessem saindo do seu território quando emitem um decreto perpétuo contra os milagres, a doutrina da uniformidade pregada por eles deixa-os sem explicação para o começo da matéria, da vida e para a suposta teoria da evolução da vida. Se o princípio da uniformidade na natureza descarta milagres, também descarta o começo da matéria, da vida e a teoria da evolução da vida. Uma mutação do cérebro de um macaco antropóide para o cérebro humano certamente seria um milagre tão grande quanto os tantos milagres relatados na Bíblia.

Assim como o argumento baseado na inadequação do testemunho não é convincente, o argumento de que a uniformidade atual na natureza exclui qualquer milagre no passado é igualmente incoerente.

### **“As alegações de milagres feitas por pagãos e outros são tão válidas quanto as alegações bíblicas”**

O terceiro argumento principal para eliminar a realidade dos milagres bíblicos é estigmatizá-los agrupando-os com os supostos milagres de pagãos e adeptos de outras seitas. Todavia, assim como as imperfeições numa cédula falsificada ajudam a identificar a cédula autêntica, as características dos falsos milagres podem ser comparadas com as dos verdadeiros milagres.

Alguns associam os milagres a Apolônio, um mágico do primeiro século; mas quando se examina o conjunto de provas, este se mostra insuficiente. A única prova que existe vem do terceiro século, e não do primeiro, e de um relato de segunda-mão, e não das testemunhas oculares.

Se houvesse o mais insignificante fundamento para se usar as lendas a respeito de Apolônio para degradar Jesus, os críticos as teriam utilizado. David Hume usou três relatos de milagres sem fundamento — mas ninguém testificou nenhum deles com a própria vida. Em defesa da veracidade dos feitos e doutrinas de Jesus, testemunhas oculares deram testemunho com suas vidas.

Outros supostos milagres são relacionados aos nomes de Inácio Loyola e Francis Xavier, mas somente por relatos que se originaram a anos e quilômetros de distância desses homens. Os milagres relacionados a Jesus são comprovados por relatos que se originaram na mesma geração em que Jesus viveu e por pessoas que viram com os próprios olhos as maravilhas que Ele realizou.

Além da comprovação das alegações não-bíblicas de milagres ser deficiente, os supostos milagres são de uma intenção diferente dos milagres bíblicos. Embora os milagres de Jesus visassem primordialmente Sua credibilidade, eles também eram úteis e humanitários. Jesus alimentou os famintos, curou os doentes e consolou os desamparados. O severo contraste na intenção por trás dos supostos milagres não-bíblicos é visto nas artimanhas atribuídas a Simão Magus, como fazer cães de pedra latirem e estátuas falarem. Diz-se também que Magus transformou-se num bode e que ele rolava sobre brasas vivas.

Além de ser evidente a intenção inferior nos supostos milagres não-bíblicos, o propósito direto

era diferente. Enquanto o propósito principal dos milagres bíblicos era gerar credibilidade, quando se trata de supostos milagres não-bíblicos, eles são exibidos entre pessoas que já aceitaram a religião em questão. Os supostos milagres foram apêndices, e não provas, da religião em questão.

As principais objeções à veracidade dos milagres bíblicos é que lhes falta peso e que não são convincentes.

### **A BASE PARA SE ACEITAR OS MILAGRES BÍBLICOS**

Pelo menos quatro grandes verdades reforçam a veracidade dos milagres bíblicos: 1) O Livro que relaciona os milagres é completamente digno de crédito, 2) os milagres bíblicos não têm sinais de falsificação, 3) os inimigos contemporâneos de Jesus e os posteriores céticos não duvidaram de Seus milagres e 4) os milagres são necessários para se explicar a vida de Jesus.

#### **A credibilidade do Livro que relata os milagres**

Muitas linhas de provas (a história, a arqueologia, alusões acidentais, o caráter dos escritores e os efeitos dos escritos) convergem em direção ao julgamento aceito quase universalmente de que a Bíblia é o Livro mais digno de crédito do mundo. Se a Bíblia fosse uma produção indigna de confiança, o bom senso evocaria uma rejeição dos relatos de acontecimentos sobrenaturais que ela traz. Ao contrário disso, sendo a Bíblia o Livro mais indisputavelmente confiável já escrito, o bom senso evoca a aceitação de suas histórias de milagres. Se a credibilidade da Bíblia não pode ser ignorada, logicamente seus milagres não podem ser rejeitados. A própria proibição da Bíblia torna-se, portanto, uma forte prova da veracidade dos milagres que ela relata.

#### **Os milagres bíblicos não têm sinais de falsificação**

Uma segunda forte razão para se aceitar a historicidade das maravilhas bíblicas é a ausência de quaisquer sinais de falsificação. Um enganador se empenharia em obter o máximo de publicidade possível, mas, por vezes, Jesus estranhamente proibiu a publicação de Seus feitos. Aparentemente, Ele fez isto para evitar despertar o espírito amotinador irracional daqueles que não enxergariam a Sua divindade, mas O veriam apenas como um operador de milagres. Qualquer que seja a razão dessa proibição, trata-se de algo que um enganador não teria feito.

Além disso, um enganador faria de tudo, dentro de suas possibilidades, para acentuar o

valor dos milagres. O humilde carpinteiro Nazareno, que compreendia totalmente os valores relativos, em certas ocasiões não fez caso do valor dos milagres. Para os que estavam determinados a não se deixarem convencer a respeito de Sua divindade, os milagres seriam um esforço desperdiçado. Ele não deixou que os milagres se tornassem um fim em si mesmos. Nenhum enganador subestimaria assim a sua capacidade de operar maravilhas.

O fato de João Batista não receber crédito por nenhum milagre mostra que os escritores dos Evangelhos não eram simples entusiastas fazendo relatos fictícios. Além disso, o fato de tais escritores não atribuírem nenhum milagre a Jesus antes dEste iniciar Seu ministério público indica que eles estavam escrevendo história, e não inventando histórias. Ademais, o fato de os relatos bíblicos registrarem apenas alguns casos de ressurreição de mortos indica novamente que os escritores não eram meros sensacionalistas. A recusa de Jesus em encenar um espetáculo para o rei Herodes é exatamente o oposto do que Simão, o mágico, teria feito.

Em vez de os Evangelhos apresentarem sinais de falsificação, é exatamente o contrário que acontece. O racionalista francês Joseph Renan disse que os Evangelhos contêm todos os sinais internos de autenticidade, e que o testemunho externo confirma os fatos principais.

#### **Os inimigos de Jesus não duvidaram de Seus milagres**

Uma terceira prova da veracidade dos milagres dos Evangelhos é o fato de os inimigos contemporâneos de Jesus e posteriores incrédulos não terem negado esses milagres. A maioria deles não acreditava na divindade de Jesus, mas não se encontra nenhum registro de que algum deles tenha questionado Seus milagres.

Os fariseus reconheceram a veracidade da ressurreição de Lázaro dos mortos e da operação de outros milagres. Eles disseram: “Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais? Se o deixarmos assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação” (João 11:47, 48). Se eles tivessem cogitado alguma dúvida, bastaria que viajassem uns três quilômetros até a casa de Lázaro. Em vez de negarem que Lázaro havia ressuscitado, procuraram destruir a prova, deliberando tirar-lhe a vida.

O rei Herodes Antipas não só acreditava que poderes miraculosos operavam em Jesus (Mateus

14:2), mas quis vê-los pessoalmente (Lucas 23:8). Judas Iscariotes testemunhou que Jesus não era um impostor (Mateus 27:3, 4). Quando Jesus estava no tribunal, Seus perseguidores procuraram qualquer pretexto para obterem um veredito culposo. Eles utilizaram muitas testemunhas falsas (Mateus 26:60; Marcos 14:55, 56), mas não encontraram ninguém que jurasse serem irreais os milagres de Jesus.

No primeiro Pentecostes após a ascensão de Jesus, Pedro falou de Jesus a milhares de pessoas, entre as quais estavam muitos que crucificaram Jesus. Sem fazer rodeios, ele proclamou que Jesus havia feito “milagres, prodígios e sinais... como vós mesmos sabeis” (Atos 2:22). Quanto à cura de um aleijado desamparado, aqueles que odiavam o cristianismo admitiram “que um sinal notório foi feito por eles”, dizendo: “...e não o podemos negar” (Atos 4:16). Simão, o mágico, um homem que conhecia a arte da falsificação, convenceu-se de que Filipe realizava “sinais e grandes milagres” (Atos 8:13), e ficou maravilhado com isto.

Não só os inimigos contemporâneos de Jesus aceitaram a realidade de Seus milagres, mas também os incrédulos posteriores a Ele. Rabinos judeus que escreveram no Talmude admitiram que os milagres de Jesus eram verdadeiros, atribuindo-os à magia ou ao “poder do venerável nome de Jeová”.

Incrédulos gentios também, embora estivessem à caça de defeitos no cristianismo, não atacaram a veracidade dos milagres relatados nos Evangelhos. No segundo século, Celso escreveu contra a religião de Jesus, mas nunca sequer questionou os milagres. Ele os atribuiu à magia, a qual ele disse que Cristo aprendeu no Egito. Por volta do ano 270, Porfírio, um terrível adversário, tentou destruir o cristianismo; seus escritos mostram uma familiaridade com o Novo Testamento, mas ele não negou os milagres. Em 303, Hierocles, governador da Bitínia, procurou por falhas e contradições internas no Novo Testamento. O livro resultante disso não depreciou a veracidade de quaisquer milagres. O imperador Juliano (Juliano, o apóstata) fez de tudo dentro de suas possibilidades para erradicar o cristianismo. No ano 361, ele também atacou a religião de Jesus em seus escritos. Nem um milagre sequer foi negado por ele; pelo contrário, ele admitiu que Jesus curou pessoas, exorcizou demônios e andou na água.

Os incrédulos judeus e gentios do primeiro século teriam ficado contentes em expor a menor

fraude que desse sustentação à religião de Jesus. O fato de esses críticos nada dizerem contra os milagres de Jesus é um testemunho silencioso, involuntário e poderoso em favor da autenticidade deles.

### **Os milagres são necessários para se explicar a vida de Jesus**

Uma quarta forte razão para se aceitar a realidade dos milagres bíblicos é o fato da vida de Jesus ser inexplicável se baseada em suposições puramente naturalistas. Alguns tentaram separar o miraculoso do natural na vida de Jesus, sem, contudo, obterem sucesso. Os dois estão misturados em um todo harmonioso. Um não faz sentido sem o outro.

Parte da vida de Jesus foi a reação de Seus adversários ao Seu poder de operar milagres. A resposta deles a Jesus não faria sentido se Ele de fato não expulsasse espíritos impuros.

Jesus pegou uma mulher febril pela mão, expulsou a febre e, imediatamente depois, foi servido por ela. O miraculoso se funde com o natural.

Grandes multidões seguiram Jesus. A influência de Ele sobre as multidões é compreensível por causa dos milagres, mas, sem eles, esse poder de atrair tantos seria um enigma e o melhor homem que o mundo já conheceu teria de ser descrito como um impostor.

Uma parte importante do ministério de Jesus era a fé que Seus apóstolos tinham nEle. Essa fé seria inexplicável se Ele fosse um charlatão, pois, nesse caso, Ele só poderia partilhar com eles os segredos do negócio. Depois de seguirem Jesus por três anos, eles acreditaram que Seus milagres eram reais.

## **CONCLUSÃO**

Nenhuma análise da validade dos milagres da Bíblia estaria completa sem se considerar o maior de todos os milagres, a ressurreição de Jesus Cristo — tema da lição a seguir. Vamos estudá-la com cuidado e em espírito de oração.

---

<sup>1</sup>David Hume, *An Enquiry Concerning the Human Understanding, and an Enquiry Concerning the Principles of Morals* (“Uma Investigação a respeito do Entendimento Humano e uma Investigação a respeito dos Princípios de Moralidade”). L. A. Selby-Bigge, ed. Oxford: Clarendon Press, 1894, p. 120.

<sup>2</sup>Ibid., p. 127.

<sup>3</sup>Ibid., p. 127, 28.

<sup>4</sup>Ibid., pp. 128, 29.

<sup>5</sup>Ibid., pp. 115, 16.